

2. Visão geral sobre o AT.

A Toráh (תורה) ou Pentateuco (πεντάτευχος) forma o núcleo mais importante dos escritos do AT e é igual na BH e na LXX. A partir desse bloco desenvolvem-se os demais.

Os livros proféticos (נביים) já não coincidem nas duas versões. Os “Profetas Anteriores” da BH fazem parte dos “Livros Históricos” da LXX. Muito parecidas são as listas dos “Profetas Posteriores” da BH e dos Profetas em geral da LXX.

Os “Outros Escritos” (כתובים) da BH estão espalhados entre os

O texto bíblico, tal qual foi oficializado para o AT divide-se em seis períodos: a) Criação e Patriarcas; b) Êxodo do Egito e instalação em Israel; c) Monarquia; d) Exílio babilônico e diáspora; e) Reconstrução de Israel; f) Dominação greco-romana.

O conjunto da BH é conhecido por TANAK: TANAK são as iniciais de Toráh (TA = תורה), Profetas (NA = נביאים), Outros Escritos (K = כתובים).

NB. Os sete livros a mais que se encontram na tradução grega dos LXX são chamados de “Deutero-canônicos”.

2.1. Os livros históricos da “Escola Deutero-nomística”

(Js, Jz, 1Sm, 2Sm, 1Rs, 2Rs).

Eles são conhecidos por “Profetas Anteriores” na BH. Distinguem-se, assim, dos “Profetas Posteriores” (Is, Jr, Ez e os nossos “profetas menores”). Na BH o nosso livro profético de Dn faz parte dos “Outros Escritos”. Por que esse bloco de livros é denominado de “Profetas Anteriores”? Segundo a tradição hebraica esses livros foram escritos por Profetas: Js teria sido escrito por Josué; Samuel seria autor de Jz, 1Sm e 2Sm; Jeremias teria escrito 1Rs e 2Rs.

Na realidade são mesmo, livros históricos, visto que tratam da história das relações entre Javé e seu povo. Relatam a fidelidade e a infidelidade à Aliança que tem nos profetas seus melhores porta-vozes. Uma longa redação deutero-nomística, inspirada no Dt, é que dá rosto a esses livros (além de Rt), concluída em torno do ano 400 a.C (Cf. Ildo BohnGass, org., *Uma introdução à Bíblia. Reino dividido*, p. 141-142).

2.2. Os livros históricos da “Escola Cronista”

(1Cr, 2Cr, Esd, Ne).

Esta obra pós-exílica repete, em grande parte, a história deuteronomística. Prossegue, depois, até o retorno do exílio babilônico. Com a extinção da monarquia, a orientação do povo, segundo as normas da Lei, passa para os sacerdotes e levitas que acompanharam o povo ao exílio na Babilônia e no retorno à Palestina. No pós-exílio, o templo reconstruído com suas cerimônias, torna-se o centro da vida

nacional. Simultaneamente, porém, alimenta-se a piedade pessoal, atuam profetas e cultiva-se a literatura sapiencial. O autor de 1Cr e 2Cr é um levita de Jerusalém que escreve depois de Esd e Ne (aliás, é também ele que dá redação final a estes dois textos), por volta do ano 300 a.C., ainda que os fatos que narra sejam bem anteriores.

Para o cronista os reis de Judá são avaliados de acordo com sua ligação com o templo, pela observância da Lei e pela conformidade à exemplar postura de Davi. Ele evita falar dos desentendimentos entre Davi e Saul, ignora o pecado de Davi com Betsabéia e não faz alusão aos reis de Israel (do reino do Norte). Logo, junto a Davi, são julgados positivamente três reis: Josafá (cf. 2Cr 17,1 – 21,1), Ezequias (2Cr 29 – 32) e Josias (2Cr 34 – 35). Além de acentuar a reconstrução do templo e a restauração do culto, o cronista dá grande ênfase à profecia de Natã (2Sm 7,1-16). Esd e Ne mostram a restauração judaica após o exílio babilônico, com destaque a Zorobabel e Josué, Esdras e Neemias

(Cf. Ildo BohnGass, org., *Umaintrodução à Bíblia. Exílio babilônico e dominação persa*, p. 151-155. Sobre os livros de 1Mc, 2Mc e Dn, logo a seguir, veja da mesma série introdutória à Bíblia: *Uma introdução à Bíblia. Período grego e vida de Jesus*, p. 41-67).

2.3. Os livros dos Macabeus (1Mc e 2Mc).

Estes livros não constam na BH mas na Septuaginta e, como tal, reconhecidos pela Igreja cristã como inspirados. A obra ocupa-se com as lutas travadas pelo judaísmo fiel (Lei, aliança, fé culto, tradições) contra os sírios selêucidas. Narra fatos acontecidos entre 200 e 142 a.C. e é redigida em torno do ano 134 a.C. Da mesma época é o texto de Dn.

2.4. Aceno à algumas datas importantes

Até por volta de 1030 a.C. as tribos de Israel tinham vida autônoma e o único vínculo que as unia era o da religião, com os cultos nos santuários de Guilgal, Betel, Silo, Siquém e Ramá. Com a ameaça dos filisteus urge a unidade política. Saul é ungido rei (1030 - 1010); sucede-lhe Davi (1010 - 970), o rei idealizado, com a promessa messiânica; seu filho Salomão (970 - 930) edifica o templo (966 - 959).

Com a morte de Salomão, o reino é dividido em Reino de Israel (norte) e reino de Judá (sul). O Reino de Israel perdurou de 930 a 722, quando os assírios invadiram a Samaria e a subjugaram. Em 609 o domínio assírio cede lugar ao babilônico. O Reino de Judá manteve-se até a invasão babilônica (597) e a destruição de Jerusalém (587), com três deportações (597, 587 e 581). Em 539 os persas derrotaram os babilônios e sua política mais condescendente em relação aos povos

subjugados permitiu o retorno dos judeus. O primeiro grupo de exilados volta em 538 e o segundo em 525, sendo que o templo foi reconstruído entre 537 e 516.

2.5. O profetismo bíblico

A ordem com que esses livros vêm colocados na Bíblia, não é cronológica, mas por tamanho e importância. Orientemo-nos pela Septuaginta.

- Profetas Maiores (4): Is, Jr (+ Lm e Br), Ez e Dn;
- Profetas Menores (12): Os, Jl, Am, Ab, Jn, Mq, Na, Hab, Sf, Ag, Zc, Ml;
- Profetas anteriores ao cativeiro babilônico: Am, Os, Is I (1 – 39), Mq, Sf, Na, Hab, Jr;
- Profetas do período exílico: Jr, Ez, Is II (40 – 55);
- Profetas pós-exílicos: Ag, Zc, Ml, Jl, Ab, Jn e Is III (56 – 66). A genuína profecia vivencia e anuncia, renuncia e denuncia (sobre os Profetas veja Ivo Storniolo e Euclides Balancin, *Conheça a Bíblia*, p. 105-144).

2.6. A literatura novelística sapiencial

Seguimos, também aqui, a LXX. Novelas ou contos populares são Rt,

Est, Jt, Tb; São livros poético-sapienciais Jó, Sl, Pr, Ecl, Ct, Sb, Eclo.



A “Sabedoria” é como árvore frondosa: as raízes são formadas pela vivência do povo, suas lutas e práticas, partilha, organização popular, atenção às coisas cotidianas, desconfiança e interrogação, consciência crítica; o tronco é feito das conversas, contos e cantos, exemplos, histórias e estórias; os galhos com suas folhas e frutos são os livros de Jó, Sl, Pr, Ecl, Ct, Sb, Eclo (Cf. Carlos Mesters,

Curso Bíblico 1, p. 40-43).

Livro dos Salmos

É o livro mais amplo da Sagrada Escritura. Contudo, há salmos ao longo de muitos livros bíblicos, do AT e do NT. Antes dos salmos oficiais que

formam o referido livro, individuamos, entre muitos, os salmos de Moisés e Miriam (cf. Ex 15,1-21), Débora (cf. Jz 5,1-31), Ana (cf. 1Sm 2,1-10). Alguns salmos neotestamentários são o de Jesus (cf. Mt 11,25b-27), de Maria (cf. Lc 1,46b-55), de Zacarias (cf. Lc 1,68-79), de Simeão (cf. Lc 2,29-32), de Paulo (cf. Fl 2,6-11), dos anciãos, anjos e toda criação (cf. Ap 5,9b-13).

*Diferenças de numeração dos salmos
na BH e na LXX*

Bíblia Hebraica	sinal	LXX
1 a 8	=	1 a 8
9 e 10	≠	9
11 a 113	≠	10 a 112
114 a 115	≠	113
116	≠	114 e 115
117-146	≠	116 a 145
147	≠	146 e 147
148 a 150	=	148 a 150

3. A formação do cânon da Bíblia

A Sagrada Escritura é o conjunto de 73 livros, 46 do AT ou PT e 27 do NT ou ST, com 1.333 caps. e 35.700 vv. (1.189 caps; 31.000 vv.). Nela Deus se revela e nos dá a conhecer sua vontade. Divide-se em duas grandes seções: AT (revelação de Deus antes da vinda de Jesus Cristo) e NT (a revelação do próprio Senhor Jesus, transmitida pelos apóstolos e outros autores sagrados).

Longo processo de formação da Bíblia... Os livros bíblicos, como os temos hoje, não foram sempre escritos de uma só vez. Às vezes, um texto foi retomado, ampliado e adaptado até chegar ao que hoje é. Os textos mais antigos do AT estão nos livros de Gn 12 – 50, 1Cr 1 – 2, Ex 1 – 18. Sabemos com certeza que o último livro do AT (Sb) foi escrito por volta de 60 a.C. Já o primeiro livro do NT (1Ts) Paulo o escreveu no ano de 51 d.C. e os últimos (na sua redação final) foram os escritos atribuídos a João. O derradeiro texto do NT, certamente é 2Pd.

Segundo Flávio Josefo, o cânon do AT, com 39 livros, foi fechado entre 465 e 425 a.C., no tempo de Esdras e Neemias. Por volta de 90 d.C., o concílio judaico de Jâmnia analisou os demais sete livros, que estão na Septuaginta, mas conservou apenas os da Bíblia Hebraica ou Cânon

Palestinense(Cf. www.profecias.com.br/historia/canon.htm, acessado em 31/01/07).

Mesmo que os outros sete livros não façam parte do cânon bíblico original, eles foram considerados como inspirados pela Igreja Católica. O Concílio de Trento, em 8 de abril de 1546, oficializou esta convicção de fé (Cf. Dz 784). São conhecidos por deuterocanônicos.

(Na prática, Trento oficializou o texto grego da Septuaginta, LXX ou Cânon Alexandrino).

Deutero-canônicos do NT

A lista dos livros inspirados do NT, foi se impondo aos poucos, nos séc. I-II d.C., sem que houvesse uma decisão oficial a respeito. Assim, em 367, Atanásio de Alexandria, na chamada Carta Pascal 39, faz o elenco completo dos livros do NT. É o primeiro testemunho do cânon completo para o NT. Como há livros deuterocanônicos do AT, também os há do NT. No séc. IV, a Igreja definiu o cânon neotestamentário. São deuterocanônicos do NT: Hb, Tg, 2Pd, Jd, 2Jo, 3Jo, Ap (e alguns trechos de Mc, Lc e Jo (Cf. www.bibliacatolica.com.br/historiabiblia/51.php, acessado em 31/01/07).

Diferenças de Cânon

Nas bíblias protestantes o AT têm 39 livros; pela católica, 46. Por que a diferença? Ela se origina nos diferentes cânones da BH e da LXX. A BH tem sete livros a menos que a LXX. Razões teológicas e históricas levaram os judeus (e depois os protestantes) a não aceitar sete livros que a tradução grega da LXX (e, de acordo com ela, a Igreja Católica) acolheu como livros inspirados. Em âmbito ecumênico todos os 27 livros do NT são reconhecidos. Carlos Mesters explica bem o que aconteceu...

Lá por 350 a.C., muitos judeus migraram para o Egito, assim como houve imigrantes que vieram ao Brasil. No começo os que vieram para cá ainda falavam a língua de origem, mas os filhos deles começaram a falar português, e os netos já não entendem mais o idioma dos avós. Assim aconteceu com os judeus que foram ao Egito. Na Palestina falavam o aramaico, que é muito semelhante ao hebraico. A primeira e a segunda gerações ainda entendiam o hebraico. Mas a terceira não entendia mais nada. Então sentiu-se a necessidade de fazer uma tradução da Bíblia. Ela foi feita aos poucos, entre o ano 250 a.C. e 150. Assim, eles acabaram ficando com duas Bíblias: uma em língua hebraica para os judeus da Palestina, e outra em língua grega para os judeus que viviam fora da Palestina, lá no Egito.

Os judeus que moravam no Egito foram escrevendo mais alguns livros em grego, e a Bíblia deles ficou maior. Então os judeus da Palestina

confrontaram as duas Bíblias e deixaram fora da lista os livros que os judeus do Egito tinham escrito a mais, em grego. Os judeus do Egito continuaram ampliando a Bíblia grega até sete livros a mais: Eclo, Sb, 1Mc, 2Mc, Tb, Jt e Br, além de trechos de Dn e Est e uma Carta de Jeremias.

A Bíblia dos protestantes segue a lista da Bíblia Hebraica dos judeus da Palestina; a Bíblia dos católicos segue a lista da Bíblia Grega dos judeus do Egito. Esta Bíblia Grega se espalhou pelo mundo todo daquele tempo, pois a língua do mundo era o grego.

Os primeiros cristãos eram de Jerusalém e usavam a Bíblia hebraica, a mais curta. Quando vieram as perseguições, os cristãos começaram a se espalhar para outros países, onde a língua falada era o grego. Eles passaram então a usar a Bíblia escrita em língua grega. Tudo ficou tranquilo até que os judeus da Palestina, para se defender contra os cristãos, começaram a dizer: "Tá vendo! A Bíblia deles está errada. Tem livros demais." Aí fizeram uma reunião no ano 97, e disseram: "Para nós a Sagrada Escritura é a da lista pequena". Os cristãos não ligaram e ficaram com a lista mais comprida.

Por volta do ano 400 o Papa Dâmaso pediu a Jerônimo traduzir a Bíblia para o latim, pois o povo já não falava nem hebraico nem grego, mas o latim. Precisava então de alguém que fizesse uma nova tradução, para que todo mundo pudesse entender. Jerônimo concordou e começou a trabalhar.

São Dâmaso I (366-384). Por conselho de São Jerônimo, introduz o aleluia (הַלְלוּיָהּ), assim como o Glória (כְּבוֹד) ao final dos salmos.

Havia porém um problema. Jerônimo não conhecia o hebraico. Procurou então um velho rabino judeu de Belém, para ter aula com ele. Devido às aulas, os dois acabaram ficando muito amigos e o rabino influenciou Jerônimo a ponto de convencê-lo a preferir a Bíblia mais curta, aquela dos judeus. Jerônimo, porém, sabia que a Igreja não pensava como ele. Então traduziu tudo, mas disse que os sete livros que não estão na Bíblia hebraica eram "deuterocanônicos". "Dêutero" que dizer segundo; "cânon" significa lista ou categoria. Logo, são livros da segunda lista, de segunda categoria.

A opinião de Jerônimo tinha muito peso na Igreja. Aí a briga começou de novo. Antes ninguém tinha dúvidas, mas depois que Jerônimo veio com esta de "deuterocanônicos", a discussão voltou a ser forte e a briga continuou por muitos e muitos anos. Com o passar dos séculos, o negócio foi ficando tão sério que os bispos resolveram pronunciar-se oficialmente. Fizeram isto numa Carta escrita durante o Concílio Ecumênico de Florença, no ano de 1430. Nesta Carta diziam que para a Igreja Católica faziam parte da Sagrada Escritura todos os Livros da

lista comprida. Tudo parecia em paz, quando o assunto voltou à tona por causa de Lutero (1483-1546). Tendo deixado, por protesto, a Igreja Católica, Lutero tinha começado a Igreja Protestante. A primeira preocupação dele foi traduzir a Bíblia do latim para o alemão. Este foi um trabalho muito bom porque, como Lutero dizia: "O povo tem que poder ler a Bíblia, com sua cabeça e com seus olhos." A Bíblia que Lutero traduziu, porém, foi a Bíblia pequena, aquela dos Hebreus.

Com ela reabriu-se a discussão dentro da Igreja. Então, no Concílio de Trento (1545-1563), os Bispos definiram a coisa e, encerraram a discussão: "A Bíblia que a Igreja Católica aceita como inspirada por Deus é aquela comprida." Os católicos ficaram com a Bíblia comprida e os protestantes com a curta, como Lutero tinha traduzido. Esta diferença existe ainda hoje. Hoje em dia já tem Bíblias protestantes que trazem os outros Livros, porque muitos deles sabem que são Livros antiquíssimos e de grande valor.

Eis os referidos livros: Br, Tb, Jt, Sb, Eclo, 1Mc, 2Mc (sobre os diferentes cânones da BH e da LXX, veja Carlos Mesters, *Curso Bíblico 1*, p. 9-10).

Além desses, os acréscimos gregos a a) Est 3,13-14; 4,17-18; 5,1-3; 8,12-13; 9,19-20; 10,4ss;

b) Dn 3,24-90; 13 - 14.

A Igreja Católica denomina tais livros como "deuterocanônicos" (da segunda lista, no caso a da tradução grega da Septuaginta), ao passo que as Igrejas protestantes os chamam "apócrifos".

Jerônimo e Orígenes estavam inclinados a seguir a BH, ao passo que Agostinho optava decididamente pela LXX.

Crítérios para a Bíblia Hebraica

O Sínodo de Jâmnia, ao oficializar a lista menor que está na BH, partiu de alguns pressupostos:

- 1) o livro sagrado tinha que ser escrito no território de Israel;
- 2) o texto inteiro devia estar redigido em hebraico, sem inclusões em aramaico ou grego;
- 3) sua redação não poderia ter acontecido depois do tempo de Esdras (465 - 425 a.C.);
- 4) seu conteúdo não podia contradizer o Pentateuco.

NB. Pela mesma razão as partes gregas de Est e Dn ficaram de fora do cânon.

Cânnon da Bíblia Grega

Com as dúvidas levantadas por Jâmnia, alguns cristãos (entre eles lideranças incontestáveis como Atanásio, Gregório, Hilário, Rufino e

Jerônimo) também suspeitaram da inspiração dos deuterocanônicos. Contudo, os Concílios regionais de Hipona (393), Cartago III e IV (397 e 419) e Trulos (692), bem como os Concílios ecumênicos de Florença (1442), Trento (1546) e Vaticano I (1870), confirmaram a validade dos deuterocanônicos do AT, apoiados na autoridade dos Apóstolos e da Tradição.

Critérios para adoção da Bíblia Grega

Os reformadores protestantes, em sua maioria, retornaram ao cânon da BH. Inclusive rejeitaram os deuterocanônicos do NT.

O Concílio de Trento (Cf. Dz 784). definiu para ambos os testamentos a lista maior como inspirada, a partir de um quádruplo fundamento:

- Acolhimento da lista maior, segundo a LXX, para o AT;
- origem apostólica ou da geração apostólica dos livros do NT;
- sua ortodoxia doutrinária (regula fidei);
- seu uso litúrgico antigo e generalizado – sempre, por toda parte e por todos = Semper, et ubique per totum (sensus fidelium)

(Cf. www.soledadeitajuba.com.br/biblia.htm, acessado em 02/02/07).

Propostas alternativas de Cânon

A história da Igreja conhece iniciativas tanto ampliadoras quanto reducionistas do cânon bíblico. Um típico exemplo de reducionismo foi a pretensão de Marcião (± 144 d.C.). Queria ele que o cânon do NT se restringisse ao Evangelho de Lucas e às Cartas Paulinas expurgadas, porém, dos indevidos “enxertos veterotestamentários” (Cf. Teodorico Ballarini (org.), *Introdução à Bíblia*, p. 116-117).

Clemente de Alexandria, Tertuliano, Irineu e Orígenes consideravam inspirado o livro Pastor de Hermas. Há quem julgue ser Hermas o homem citado em Rm 16,14. Este livro era largamente lido nas igrejas cristãs da Grécia. No século V, entretanto, o Papa Gelásio colocou-o entre os apócrifos.

No século XVI, Martinho Lutero pleiteou a retirada de Tg do cânon bíblico considerando-a “Eine Strohepistel” (“Carta de palha”). Também no século XVI, João Calvino pediu que o Ap fosse retirado do cânon.

As Igrejas ortodoxas orientais conservam cânones diferentes, quer ampliando, quer reduzindo o número dos livros tidos inspirados (Cf. www.ortodoxiabrasil.-com/feortodoxa/-biblias.html, acessado em 03/01/07).

Ainda hoje, portanto, as Igrejas cristãs não encontram consenso pleno quanto ao alcance da canonicidade. Em relação ao NT, por exemplo, ainda que a maioria delas tenha aceitado o cânon completos dos 27 livros, a Igreja Siríaca (com sua Bíblia Peshitta) nunca acolheu bem os deuterocanônicos, ao passo que a Igreja Etíope acrescentou outros a

ponto de chegar a 35 livros (Cf. Antônio M. Artola e José Manuel Sánchez Caro, *Bíblia e Palavra de Deus*, p. 63).

A Igreja Armênia incluía, no passado, uma 3Cor mas não o faz mais; a Igreja Copta da Etiópia reconhece 81 livros bíblicos. Amplia o NT, por exemplo, com Atos de Paulo, 1 Clemente e Pastor de Hermas. Ao AT adiciona textos como o Livro dos Jubileus, o Livro de Enoc e 2Esd (Cf. <http://www.anova.org/sev> e <http://etext.virginia.edu/rsv.browse.html>, acessados em 12/02/07).

No outro extremo, a Igreja Católica, portanto, também não cedeu às posturas ampliadoras. Havia muitos Evangelhos e Atos, diversos Apocalipses e inúmeras Cartas pleiteando o status de livros inspirados. No entanto, somente quatro Evangelhos, um livro de Atos, um Apocalipse e 21 Cartas foram reconhecidos e os demais rejeitados. Os livros não assumidos como canônicos passaram a ser chamados de apócrifos.



Critérios de Canonicidade

1

Identidade entre a fé vivida (comunidade) e a fé expressa no texto (escrito)

Regula Fidei

2

Testemunho das origens e de todas as comunidades (Pentateuco, Evangelhos) ou coerente com os dois pressupostos

Antiguidade Católica Ortodoxia

Explicação de termos...

a) Cânon, vem do grego κανών (kanón) que, por sua vez, se origina do semítico קנה (kanê), e significa regra, medida, norma, catálogo, referência, critério. Tem, ainda, o significado do nosso “metro” ou vara para medir. Por isso mesmo, canônico passa a ter o sentido de livro catalogado, critério de fé, que está na lista dos livros inspirados por Deus. Em perspectiva católica, são canônicos os livros do AT e do NT, recolhidos e reconhecidos pela Igreja, escritos sob a inspiração do Espírito Santo, tendo Deus como autor e, como tal, entregues à Igreja (cf. DV 11).

b) Livros Protocanônicos (πρότερος + κανών = próteros + kanón) são os livros catalogados na primeira lista, no caso, a lista da BH.

c) Livros Deuterocanônico (δεύτερος + κανών = dêuteros + kanón) são os aceitos como inspirados pelo segundo kanón, em nosso caso, a lista ampliada da LXX.

d) Livros Apócrifos (από + κρύπτω = απόκρυφος, após + krypto = apókryphos). Originalmente têm o sentido e a pretensão de mostrar aquilo que os livros canônicos não apresentam. Com a definição do cânon, os livros que dele estão excluídos passam a ser considerados apócrifos. Assim, na perspectiva da BH, adotada pelos protestantes para o AT, os sete livros deuterocanônicos da LXX, são vistos como apócrifos.

“Apócrifo” tem, também, o sentido de livro oculto, reservado à leitura particular ou aos iniciados do grupo que o considera seu. Com o passar do tempo, “apócrifo” passou a significar “falso”, considerado em desacordo com a fé oficial de uma determinada Igreja ou religião. São conhecidos 112 livros apócrifos: 52, do AT; 60, do NT.

4. O processo formador de um livro ou um bloco da Bíblia.

A maioria dos livros bíblicos não nasceu já de forma organizada, como nossos livros modernos que o autor entrega pronto, na editora. A Bíblia também não foi inspirada diretamente por Deus, a um inspirado autor humano que foi escrevendo o que Deus lhe dizia. Os livros da Bíblia experimentaram diferentes e complexos processos de formação. Em linhas gerais o itinerário até um livro ficar completo, seguiu os seguintes passos:

4.1. Uma experiência vital - O ponto de partida é uma experiência vital, muito determinante para uma pessoa ou um grupo. Tal experiência foi sentida e considerada como irrupção ou comunicação de Deus (Jesus, o Bom Pastor).

4.2. Transmissão oral - A referida experiência inspirante passou por longo período de transmissão oral. Foi melhor entendida e explicitada, celebrada e às novas situações e pessoas adaptada.

4.3. Registro escrito - Com o passar do tempo percebeu-se que a mensagem oralmente transmitida precisava ser registrada por escrito, a fim de não se perder.

4.4. Interpretação e ampliação do texto - O texto, agora escrito, foi adquirindo status de referência e critério para a comunidade. Ele desdobra-se em oração, inspira a pregação, impregna a vida e ilumina a missão. Levado a diferentes lugares é relido e adaptado às novas situações, compreensível às novas comunidades. A mensagem original recebe novas edições e elaborações, com acréscimos esclarecedores. Por fim, torna-se referência para a comunidade de fé que o assume como critério de sua vida de fé.

4.5. O reconhecimento oficial e canônico - A derradeira etapa de vida do texto é quando as lideranças da comunidade de fé assumem-no e colocam-no como critério, inserindo-o na lista ou cânon dos livros que a comunidade retém como inspirados por Deus.



A ordem dos livros na Bíblia

Neste processo de "canonização" os textos não são catalogados em sequência cronológica. Por exemplo, no Corpus Paulinum o texto de Rm, devido a seu tamanho e importância, aparece em primeiro lugar, mesmo que tenha sido o último a ser escrito por Paulo. Outras vezes, ao interno de um mesmo livro antepõe-se um texto mais recente ao antigo. Isso, porque o redator ou a comunidade que faz a redação final considera o novo texto mais importante. É o caso do atual capítulo primeiro de Gn que foi colocado antes do capítulo segundo, que fora escrito antes (cf. CNBB, Crescer na leitura da Bíblia, nn. 28-29).

Uma outra forma de apresentar este "Caminho da Palavra" pode ser assim expresso: Palavra vivida → transmitida → escrita → copiada → anunciada → vivida.

O caminho da Palavra...



Composição da Bíblia (E. Arens, *A Bíblia sem mitos*, p. 85)...

